

APRESENTAÇÃO

Maria Elisa Máximo

Chegamos ao quarto número da Redes. São quatro anos editando um periódico científico nos rigores das publicações mais qualificadas, com chamadas anuais para a submissão de artigos, revisão às cegas pelos pares, ampliação e qualificação do corpo de pareceristas – aos quais, mais uma vez, agradecemos a colaboração, e melhorias constantes no projeto gráfico e no processo editorial. De lá para cá, abrimos a revista para contribuições externas, começando por aprofundar as trocas com instituições ou pesquisadores/as parceiros.

Para quem nos olha de fora, o caminho da Redes ainda parece longo até que se posicione entre as revistas melhor avaliadas e com significativo fator de impacto. Mas, quem acompanha ou conhece a história da Faculdade Ielusc sabe que chegamos longe, em uma caminhada sonhada, planejada e que tem evidenciado muito daquilo que somos e como atuamos no ensino superior.

Nesses quatro anos, a revista agregou e divulgou, no interior dessa comunidade acadêmica, diversos empreendimentos científicos oriundos das nossas políticas de pesquisa e de extensão. Entre pequenos exercícios desenvolvidos em componentes curriculares e resultados de projetos desenvolvidos com o apoio e financiamento institucional, Redes já se fez janela para quase cinquenta artigos escritos por docentes e estudantes dos cursos de graduação do Ielusc e também por pesquisadores externos. Assim, ela tem se constituído como catalizadora de uma série de esforços na promoção da pesquisa e da extensão universitária e, de modo muito especial, da iniciação científica.

A cada ano que passa, são mais docentes e estudantes atestando que conhecem a Redes e que a compreendem como um lugar que pode, por dever e por direito, ser ocupado. Essa tem sido a recompensa diária pelo trabalho implicado na edição de um periódico científico. Sempre que um artigo é submetido de forma espontânea – antes ou depois dos prazos estipulados pelas chamadas, quando um estudante nos pede auxílio no processo de submissão ou quando nos traz dúvidas sobre como publicar, fortalecemos nossa certeza de que a Redes transcende o papel mais imediato de uma publicação científica, servindo ela própria como um estímulo para que outros também ocupem esse lugar.

A Redes tem se constituído também como um espaço de formação de pesquisadores e pesquisadoras menos experientes nos processos de uma publicação científica: reconhecer as diretrizes para a publicação, saber ler e considerar um parecer, alterar um artigo a partir de uma avaliação, atentar para os prazos e compreender as interfaces e linguagens das plataformas de publicação são alguns dos aspectos envolvidos nesse processo e que desafiam muitos daqueles que desejam publicar seus textos. Isso faz com que o trabalho de edição se transforme, muitas vezes, em um esforço didático de orientar e conduzir autores e autoras em cada uma das etapas da sua publicação.

É possível dizer que a revista Redes só alcançou o seu quarto ano de existência, com números publicados anualmente sem interrupções, porque a Faculdade Ielusc vê consolidada uma política institucional pautada pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Se, por um lado, a revista é um dos “produtos” da instituição, por outro lado ela se constitui como uma das mais importantes evidências de tudo o que oferecemos e realizamos no ensino superior. É uma vitrine do que somos e do que temos nos tornado nos últimos anos.

No caminho até aqui surgiu a pandemia, que nos impôs aproximadamente vinte meses de ensino remoto emergencial e um retorno gradual às atividades presenciais – incluindo aqueles encontros fortuitos que nutrem a vida acadêmica e as relações que a constituem – que nos impôs muitos desafios. Para o Ielusc, assim como para tantas instituições de ensino superior, o cenário inspira atenção e sensibilidade aos efeitos econômicos, sociais, psicológicos e cognitivos desse período. O lançamento desse número neste momento representa, portanto, o esforço coletivo de superar as dificuldades e dar seguimento a um projeto institucional que visa o crescimento, a excelência e a sustentabilidade com foco constante na nossa atividade-fim: o ensino, a pesquisa e a extensão.

Por isso, a Redes de 2021 veio vestida com a máscara, como se pode ver na capa. A máscara é símbolo das circunstâncias e transições que marcaram este ano e se tornou não apenas parte do nosso vestuário, mas passou a mediar nossas interações. Se em certa medida ela escondeu feições e sorrisos, por outro lado também teve o potencial de revelar formas diferentes de expressão dos sentimentos que permeiam nossas relações pessoais e de trabalho. Este número é resultado desse “novo mundo” mediado pelas máscaras, com algumas limitações, mas igualmente aberto a formas de trocas e de cooperação que, se não são novas, foram reconfiguradas na e pela pandemia.

Foi a ciência que nos permitiu retornar a um cotidiano suspenso em março de 2020, com a chegada das vacinas, com conhecimentos aprofundados sobre o novo coronavírus e seus aspectos epidemiológicos e, não menos

importante, com a defesa insistente das medidas não farmacológicas de prevenção da transmissão como o uso das máscaras, rotinas de higiene e de distanciamento. A revista veste a máscara em defesa dessa ciência, alinhando-se com todos aqueles e aquelas que – durante todo esse tempo – agiram pela solução da pandemia, sem negligências e negacionismos. Não poderia ser diferente, afinal, trata-se de uma revista científica.

Não por acaso, o artigo que abre esse número reflete, a partir de um exercício de revisão teórica, sobre as tendências de negação da pandemia realizado no âmbito de um componente curricular. O texto de Valdete Daufemback e Gabriel Hasselmann, intitulado *A negação da pandemia: o incrível caso de anomia social* retrata o propósito que move a Redes, traduzido nas possibilidades de cooperação entre professora e estudante na prática da pesquisa como fundamento pedagógico.

Outros artigos reforçam o fato de que a pandemia não apenas condicionou ou determinou formas de interação e de trabalho ao longo desse ano, mas se constituiu, ela própria, como objeto de estudos e de produção teórica em diferentes áreas do conhecimento. Assim se apresentam os artigos *Da gripe espanhola à Covid-19: um histórico das pandemias dos séculos XX e XXI e os impactos da pandemia do coronavírus*, de Ian Pogan e Sebastião Gonçalves Feitosa; *Estilo de vida de adolescentes do 8º ano do ensino fundamental em tempos de Covid-19*, de Flávia D. de S. P. Gonçalves, Jucimara A. David, Juliana Turmina, Rosilva Veríssimo da Silva, Tadiana M. A. Moreira e Lidiane F. Schultz e *Um relato de experiência sobre a MOVA: uma Mostra de Arte que passou a ser virtual durante a pandemia da covid-19*, de Patrícia Villar Branco.

Outro conjunto de artigos deriva de reflexões iniciadas em sala de aula e transformadas em pequenos ensaios teóricos produzidos, novamente, na colaboração entre estudantes e docentes. A presença cada vez mais frequente de textos como estes na Redes mostra como a revista vem sendo inserida nos espaços de aprendizagem e vislumbrada efetivamente como um lugar onde se deseja chegar através da qualificação e aprofundamento dos trabalhos realizados nas disciplinas dos cursos. Esse é o caso de *Análise das apurações jornalísticas feitas com o uso de inteligência artificial*, artigo escrito por Nadine E. Quandt e Rafaela Sant’Anna, em parceria com as professoras Kérley Winkes e Maria Elisa Máximo. Nesse mesmo contexto, Valdete Daufemback e Gabriel Hasselmann aparecem novamente juntos em *Desafios da mulher preta no mundo do trabalho: uma reflexão necessária*. Luidgi R. Poli Junior assina com o professor Leandro O. Hoffstätter o artigo *Opção decolonial e os impactos para a educação contemporânea* e Peterson V. dos

Santos, também em coautoria com Valdete Daufemback, escreve *Racismo Estrutural: uma revisão teórica desta prática construída historicamente*.

Um terceiro conjunto de artigos constitui-se a partir de situações diversas, incluindo reflexões derivadas de atividades teórico-práticas, de atividades de curricularização da extensão, de trabalhos de conclusão de curso e, inclusive, de pesquisas conduzidas de modo independente. O artigo *Acidentes na Escola: os sentimentos das professoras*, de Júlia R. Espíndola, Talita A. Furtado, Solange Abrocesi e Tadiana Moreira é um exemplo desse universo de possibilidades que podem se desdobrar em uma publicação científica. Na mesma linha, apresenta-se o artigo *As mães em situação de cárcere e o acesso aos cuidados relacionados à saúde com ênfase nos aspectos psicológicos*, onde as estudantes Sabrina Alexandre, Maria Beatriz B. Monteiro, Gabriela Neumann e Aline Guizolf assinam com o professor Hudelson dos Passos. A professora Renata C. de Oliveira assina com Samara Furtado e Larissa A. da Silva, respectivamente, os artigos *Avaliação da rotulagem de suplementos proteicos comercializados em websites no Brasil* e *Avaliação da rotulagem e qualidade nutricional de produtos lácteos que apresentam personagens infantis*. Clara S. I. de Mendonça assina com Gabrieli C. de Souza o artigo *Perfil de pacientes com Síndrome de Down da Clínica Escola de Fonaudiologia do Ielusc*, que apresenta os resultados de um exercício de pesquisa realizado no âmbito da Clínica Escola, um dos principais Programas de Extensão da instituição. Por fim, Juliana T. dos Santos Rengel nos brinda com *Retratos fenomenológicos da compulsão alimentar em mulheres brasileiras*, resultante de uma pesquisa conduzida de forma independente.

O número se encerra com a entrevista realizada por Maurício Melim com o pesquisador e professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais, Verlaine Freitas, estudioso da obra de Theodor Adorno e do campo de articulação entre estética, psicanálise e cultura de massas. Nesta entrevista, Freitas aborda a atualidade do pensamento de Adorno e Horkheimer, principais referências da teoria crítica situada no centro da Escola de Frankfurt, de importância indiscutível nas Ciências Sociais.

Que esta apresentação motive você, leitor e leitora, a explorar este número e inseri-lo nas suas atividades de ensino e de pesquisa. Para que os caminhos da Redes sejam plenamente pavimentados, é indispensável que a revista alcance seu público, isto é, estudantes e docentes do ensino superior.

Boa leitura!

Sobre a editora

Maria Elisa Máximo. Doutora em Antropologia Social (UFSC). Professora titular da Faculdade Ielusc e editora da 4ª edição da Revista Redes.